

Ensinando História no Fundamental I

– Prof. Juscelino P. Pereira de Almeida entrevistado em 08/11/2013 por Maria Antônia dos Santos –

Juscelino Passos Pereira de Almeida¹

Maria Antônia dos Santos²

Resumo: Juscelino Passos Pereira de Almeida fala nessa entrevista sobre suas experiências com alfabetização em escola pública de São Paulo.

Palavras Chave: Ensino Fundamental. Alfabetização. Ensino de História.

Abstract: Juscelino Passos Pereira de Almeida talks in this interview about his experiences with children literacy.

Keywords: Elementary Education. Children Literacy. Teaching History.

P: Juscelino, você se destaca como professor do Fund. I que inova enfatizando o ensino de História.

R: Eu sempre gostei muito de História e falo muito nas aulas e com os colegas sobre a história de Minas Gerais e do Brasil.

P: Com essa sua perspectiva sobre essa disciplina, gostaria de saber como tem sido o ensino de História nas séries iniciais do ensino fundamental?

R: Todos nós temos uma origem, e se somos o que somos, devemos a todas as pessoas que vieram antes de nós, então começo fazendo o estudo da nossa própria história, da nossa origem e dos nossos ancestrais e toda essa herança que deles recebemos. Em termos de Brasil, é importante citarmos os três grupos étnicos que representam a formação e a constituição do povo brasileiro: povos nativos que aqui se encontravam antes da invasão portuguesa e depois os africanos que foram trazidos para pelos portugueses. Quando eu falo sobre esses assuntos os alunos gostam e participam das aulas, fazem perguntas sobre as diferenças de épocas e sobre os acontecimentos atuais.

P: Quantas horas aula se deve dedicar pela lei, e particularmente quantas horas você dedica a disciplina de História por semana?

R: Três horas-aula por semana conforme os PCNs, mas não se pode confinar a História à “disciplina História”; ela é convocada em muitas incidências de nosso dia a dia e recorro a ela em momentos que os alunos possam confrontar situações vivenciadas em sala de aula com o background histórico. Para ficarmos com um único

¹. Professor concursado de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo. EMEFM “Vereador Antonio Sampaio, São Paulo.

². Estudante do curso de Pedagogia da Uninove e estagiária na EMEFM Vereador Antonio Sampaio, São Paulo.

exemplo, neste 2014, em que comemoramos o centenário de Dorival Caymmi, cito de um artigo do professor Jean Lauand, que discutiu isto conosco em um Seminário com professores aqui na escola:

A linguagem recebe (e dá...) características do povo que a pratica; o falar brasileiro - o de Sinhá Zefa e o nosso - dá-se acompanhado - no léxico, na prosódia, etc. - pelo africano e pelo índio, porque também o brasileiro recebeu essas influências. Para evidenciar isto, baste evocar a figura e a obra do saudoso Dorival Caymmi - ele mesmo um expoente do diferencial brasileiro - e os personagens de suas brasileiríssimas canções, como *História pro sinhôzinho*:

Na hora em que o sol se esconde
E o sono chega
O sinhozinho vai procurar
Hum, hum, hum
A velha de colo quente
Que canta quadras e conta histórias
Para ninar
Hum, hum, hum

Sinhá Zefa que conta história
Sinhá Zefa sabe agradar
Sinhá Zefa que quando nina
Acaba por cochilar
Sinhá Zefa vai murmurando
Histórias para ninar

Peixe é esse meu filho, peixe é esse meu filho
Não meu pai
Peixe é esse mutum, manganem
É toca do mato guenem, guenem
Suê filho ê
Toca aê marimbaê

Em maior ou menor grau, todos aprendemos com Sinhás Zefas, que falavam brasileiro, com palavras tupi e bantu (como *cochilar* ou *marimba*) e ensinavam os fundamentos do jeito nosso de ver o mundo... (http://www.hottopos.com/notand_lib_12/jean.pdf)

P: Qual a sua Metodologia de Ensino? Para começar, você adota algum livro didático?

R: Nós temos o livro didático “História do 4º ano do projeto Buriti”, que serve como referência para as nossas aulas e que tem que ver com a origem de nossos alunos, em sua quase totalidade de famílias de migrantes ou imigrantes, e assim a História é contada a partir de cada sujeito. Para que possamos dar ênfase à História é preciso ter o sujeito como sujeito da própria história e ir entrelaçando essas origens diversas com o conteúdo do livro.

P: Para sua classe de 4º ano quais conteúdos históricos você têm trabalhado?

R: Tomando como referência os povos nativos que habitavam a Pindorama, que era o nome do nosso país antes da chegada dos portugueses, vamos montando a História com todos os elementos que vão influenciar em nossa cultura. Claro, sem deixar de ressaltar a cultura africana que tanto representou para o processo de construção do país, a formação no período colonial, os primeiro e segundo ciclos, as formas de governo e a comparação com os dias de hoje. É tudo isso que norteia o conteúdo e a disciplina, assim como os aspectos econômicos, sociais, políticos do nosso país.



Alunos do profº. Juscelino em atividade

P: Quais materiais didáticos você tem utilizado para o ensino de História?

R: Tudo aquilo que for útil para uma aula, de acordo com sua temática, eu utilizo: desde livros, revistas, filmes, objetos que são trazidos para cá, indumentárias, canções, culinária, jogos, passeios, mapas vídeos e sites.

P: Os alunos se interessam pela disciplina História?

R: Sim, fazem muitas perguntas e participam com interesse, e quando faço alguma alteração na grade, eles fazem cobrança pelo conteúdo de História. Acredito que é o momento em que eles mais interagem e se identificam com a aula.

P: A seu ver, qual o papel da História para o processo de formação dos alunos?

R: Eu vejo a História como fundamental, pois se o indivíduo não se conhece, ele não se identifica e não atuará na sociedade. E aqui estamos para fazer parte da sociedade e da comunidade, atuando para que possamos ter uma vida mais satisfatória. A História traz informação sobre nosso passado, faz com que compreendamos melhor nosso

presente e ela abre as portas do horizonte para o futuro. Nós sempre desejamos mais, estamos sempre buscando mais, o que só pode sedar efetivamente a partir do sujeito que se auto conhece.

P: De onde provém essa sua valorização da História. Como foi sua formação? “De onde vem essa tua permanente, clandestina, diária, camuflada subversiva inconfidência?” (Roberto Drummond)

R: Eu sou de origem indígena, minha bisavó materna é do povo Xacriabá e pela minha avó paterna do povo Tapuia. Nasci em uma cidade do interior de Minas Gerais, em uma época que não tínhamos televisão e telefone, apenas um rádio como companheiro. Então em muitos momentos nossos, reuníamos em volta de uma fogueira ou do fogão a lenha e ali, crianças e adultos partilhavam de histórias e era uma contação de histórias desde folclóricas, fantasmas, regionais, a história das famílias de nossa cidade e de nosso povo, que muitos vivenciaram ou apenas ouviram dizer. Uma pessoa que muito me influenciou foi meu pai que era um grande contador de histórias, pois viajava muito pelos sertões e cerrados de Minas e narrava para nós fatos acontecidos. Já na minha formação do ensino fundamental, tive o professor Carlos que foi um grande incentivador e me deu muita oportunidade de contar minhas histórias, explicar e narrar fatos que transmite das nações. Do ponto de vista acadêmico, um autor muito importante foi Darcy Ribeiro, meu conterrâneo, somos oriundos de uma mesma região e as suas obras me influenciaram decisivamente.



Sala dos professores: Daiane, Mara, Juscelino e Lúcia

P: Você é um dos raros professores homens de nossas escolas públicas que é regente de uma classe de Fundamental I. Por que essa opção. Como se sente sendo minoria na rede?

R: Embora, hoje em dia, haja uma tendência a associar essa docência ao feminino, nem sempre e nem em todos os lugares tem sido assim. Mais do que uma correlação intrínseca de gênero, parece-me que a questão salarial é que é mais influente. Em um passado não tão remoto era comum professores homens, como vemos no seriado do Chaves, com toda a naturalidade, o Prof. Girafales.

P: Juscelino e a mineiridade...

R: Tenho muito orgulho de ser mineiro; minha cultura é minha vida, adoro falar sobre minha terra e das histórias que envolvem as cidades de Minas, nas comemorações de festas e folias... O encontro com amigos e parentes é imensamente interessante devido a nossas origens mistificadas, aproveitamos para trocar mais conhecimentos uns com os outros e falarmos de nossas lembranças. Vim para São Paulo com minha família, mas preservo as raízes de uma cultura própria e toda uma história rica e valiosa, que é preciso conhecer e divulgar. Nós saímos de Minas, mas Minas não sai de dentro de nós; e falar dessa riqueza é dar uma injeção de ânimo em nossas vidas, é procurar manter o contato com as pessoas, que é também uma forma de superação dos obstáculos que encontramos nesta grande metrópole. O escritor mineiro Oswaldo França Júnior que dizia: “Depois de percorrer todo o mundo percebi que era em minha terra que residia a verdade.”

P: Como se dá esse seu trabalho de divulgação da cultura mineira aqui em São Paulo?

R: Tenho aqui em São Paulo a divulgação da Festa dos Reis Magos, que realizo com familiares e amigos. Festejamos dois dias seguidos, com horário programado e roteiro, saindo em comboios e parando em casas amigas em várias partes da cidade, onde somos muito esperados e recebidos com felicidade, para divulgação de músicas tradicionais, com comidas típicas, orações e a narração de histórias é claro. Tudo é generosamente bancado por nossa comunidade mineira em São Paulo. As pessoas normalmente não percebem que ser professor na Prefeitura não se restringe aos muros da escola: essas atividades estão em total ligação com o trabalho propriamente escolar. Veja, os alunos quando chegam aqui, são migrantes ou imigrantes, eu tenho aluno argentino, angolano, chinês, então acho que trabalhar com os dados dessas pessoas é encorajá-los a tocar a vida, a buscar o significado de sua cultura para valorizá-lo como ser humano, conscientizando-os de sua importância na vida e suas raízes como participante da História. Lembrando o nosso educador e poeta Abgar Renault: “Viajar, mais que tudo, é retornar”.



Festa dos Reis Magos na casa de uma família mineira em São Paulo

A história contada na História deve ter relação com o aluno, tendo como referência a identidade como povo brasileiro; ela tem que partir do aluno em sala de aula, da sua comunidade, da sua família, para que ele aprenda a valorizar o que está sendo trabalhado ali. Ensinar História é estimular o aluno a fazer descobertas refletindo sobre sua origem e conhecendo novas culturas e respeitando o semelhante. Sobretudo em São Paulo, que é uma cidade de imigrantes e cuja riqueza cultural assenta-se sobre essa diversidade. O grande desafio é o professor efetivamente explorar essa diversidade, o que requer um aprofundamento em sua própria identidade cultural. Ao fomentar a Folia de Reis estou alavancando todas as outras culturas...

P: Qual a especificidade da educação nas primeiras séries? O que diria aos que começam, aos formandos em Pedagogia?

R: Bom, nas séries iniciais, mais importante que trabalhar teorias, é trabalhar a vivência, vivenciar as culturas, vivenciar a História, o contato com a família, com a comunidade, as brincadeiras, as épocas.

Vocês, formandos em Pedagogia, devem ter a *ilusión* de um Dom Quixote, na busca do conhecimento, da interação e da prática do ensino-aprendizagem. Lembrando que – para evocar os grandes poetas mineiros – “Se acreditares em estrela, vai buscá-la” (Fernando Sabino), pois “Todos os caminhos circulam em demanda da Liberdade” (Henriqueta Lisboa). Se há “uma pedra no meio do caminho” (Drummond), há que ver mais: “De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, *vejo pedra mesmo...*” (Adélia Prado). Tantas pedras, tantas dificuldades (falta de condições, entraves burocráticos etc. etc.). Mas, é preciso “Erguer o rosto para o céu e deixar que pelos meus lábios saísse o arco-íris.” (Murilo Rubião) pois lembro do grande Guimarães Rosa, um homem que palmilhou o sertão de Minas Gerais, vivenciou a cultura mineira como um eterno aprendiz e por meio dessa aprendizagem ele tornou-se um referencial da literatura universal: “*Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.*”

Recebido para publicação em 08-01-14; aceito em 10-02-14